

A definição da participação do cidadão nos modelos colaborativos jornalísticos na web¹

Rafael Sbarai²

Faculdade de Comunicação Cásper Líbero

Resumo

Este artigo pretende mapear e discutir análises acadêmicas e definições produzidas em websites colaborativos sobre a inserção do cidadão na construção da informação jornalística em ambientes virtuais, disseminada pela expansão das ferramentas e interfaces que asseguram a produção e publicação de conteúdos, como textos, vídeos e áudio, na web.

Palavras-chave

Jornalismo Colaborativo; Jornalismo Participativo; Webjornalismo Participativo; Jornalismo Cidadão; Jornalismo Open Source; cidadão-repórter; produtor de conteúdo.

O Jornalismo passa, mais uma vez, por mudanças. O crescimento vertiginoso de novas tecnologias - aliado ao desenvolvimento das telecomunicações - permite que os veículos de comunicação considerados tradicionais encontrem um “novo” nicho de pessoas interessadas e que não pretendem mais apenas consumir informação: têm a intenção de produzir conteúdos, sejam vídeos, áudios ou textos.

Há alguns anos, o acesso à rede mundial de computadores permite que o cidadão tenha a facilidade e possibilidade de colaborar, criar e construir valores, características que não possuem, em nenhum momento, o princípio de competição. Gillmor (2004) explicita que “a publicação do indivíduo 'comum' não é apenas o ponto final, mas sim a parte que deverá ser completada pela conversação”.

Todo este espírito tecnológico reforçou e ampliou conceitos na comunicação e quebrou, implicitamente, a premissa de considerar o jornalista um especialista da informação. Que pretensão seria essa? Por que atribuir à informação um domínio reservado? Por que tal exclusividade? Assim, o ato de informar, o ato de escrever, encontra-se na mira da crítica social, obrigando seus atores a se explicar, obrigando mídias a produzir um discurso que justifique sua razão de ser.

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo e novas formas de produção da informação”, do III Simpósio Nacional da ABCiber

² Jornalista, Mestrando em Comunicação na Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, e-mail: rafaelsbarai@gmail.com. Site: <http://derepente.com.br>

Sem uma definição considerada oficial, é certo que a participação do cidadão na construção da informação já existe há algum tempo. Apesar da conceituação desenvolvida, jornalistas e acadêmicos divergem sobre sua definição. O Jornalismo Colaborativo, Jornalismo Cidadão, Jornalismo Participativo, sem alarde, chegou às principais meios de comunicação. Agora, há uma necessidade de denominá-lo e conceituá-lo de uma forma correta, situação que não aconteceu com as nomenclaturas utilizadas para descrever a prática jornalística em ambientes virtuais (jornalismo eletrônico, jornalismo digital, jornalismo *online*, ciberjornalismo, jornalismo hipertextual). E esta é a proposta de discussão no presente artigo.

O ato de colaborar

Colaborar. No passado, um ato de pequena escala que acontecia entre parentes, amigos e sócios (WIKINOMICS, 2007). Hoje, ferramenta imprescindível para a construção do futuro da sociedade. O termo, presente em diversas discussões por sua importância ampliada e relacionada às modificações do Jornalismo com a força da internet, possui uma definição inquestionável. Segundo o dicionário Aurélio (2004, p. 319), colaborar “é um trabalho em comum com uma ou mais pessoas; cooperação; auxílio; trabalhar na mesma obra; contribuição para a construção de algo. Possui objetivos compartilhados e uma intenção explícita de produzir um resultado”.

Adam Smith (2003, p. 50), no final do século XVIII, já notava a importância da colaboração para satisfazer necessidades pessoais. “Numa sociedade civilizada, o homem - a todo o momento - necessita da ajuda e cooperação de grandes multidões e sua vida inteira mal seria suficiente para conquistar a amizade de algumas pessoas”.

Tapscott e Williams (2007) explicam que os indivíduos do atual *status quo* nunca tiveram o poder ou a oportunidade de se conectar livremente em redes de colaboração para produzir bens e serviços de uma maneira tangível e contínua.

“A maioria das pessoas estava confinada a papéis econômicos relativamente limitados, seja como consumidores passivos de produtos produzidos em massa ou como funcionários presos em burocracias organizacionais nas quais o chefe lhes dizia o que fazer. Até mesmo os representantes eleitos mal disfarçavam o próprio desprezo pela participação de baixo para cima no processo de tomada de decisões. Em suma, uma quantidade de pessoas era excluída da circulação de conhecimento, poder e capital e, portanto, participava das margens da economia” (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2007, p. 21).

Benkler (2002), em uma visão crítica econômica, explica que a internet promoveu uma evolução produtiva de riqueza e de conhecimento. A frase '*commons-based peer production*', concebida durante um artigo pessoal, possui até hoje complicações em sua tradução ao português, aproximando-se de “propriedade compartilhada por uma comunidade”. Ou seja, uma comunidade aberta coopera espontaneamente e, de forma voluntária, para a produção de um conteúdo informacional cultural de valor que é, posteriormente, compartilhado. A Wikipedia, enciclopédia multilíngüe *online* colaborativa, é um exemplo notável de aplicação. No caso da construção de uma informação em ambientes colaborativos jornalísticos, a criação de um círculo de colaboração garante um resultado satisfatório e seguro, uma vez que ruídos e falhas são perceptíveis e corrigidos por seus integrantes.

Bauwens (2005, p. 1) refere-se ao processo *peer to peer* (P2P) para explicar o processo de colaboração entre indivíduos em redes distribuídas. “À medida que os sistemas sociais, econômicos e políticos se transformam, uma nova dinâmica humana emerge: o *peer to peer* (P2P). O P2P está destinado a transformar nossa economia política de uma forma sem precedentes”. Ao traçar um paralelo envolvendo Jornalismo Colaborativo, Bauwens enaltece a abertura e a flexibilidade para produzir conteúdos, desde que “tenham competências necessárias para contribuir. Essas competências são verificadas e validadas pela comunidade no próprio processo de produção”.

A prática de colaborar e produzir conteúdo não é uma prática recente

Juca Varella, editor de Fotografia da Agência Estado, garante que “o Jornalismo Colaborativo é produto antigo nos jornais, revistas e TVs”. Em entrevista realizada em outubro de 2007³, Juca explica como era o processo na Agência Estado.

“Antigamente alguém que enviasse alguma foto por carta, no mínimo interessante ou exótica, era publicada no jornal como uma curiosidade. Na realidade o cidadão sempre participou ativamente da mídia jornalística. Esse exemplo citado nos mostra a atividade realizada por não-jornalistas, mas que colaboravam vez ou outra nos meios jornalísticos”, afirma.

A primeira publicação impressa com um espaço destinado ao cidadão provém do

³ Em entrevista concedida por e-mail, em outubro de 2007, durante o processo de Trabalho de Conclusão de Curso envolvendo conteúdo colaborativo jornalístico na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

século XVII, precisamente em 1690, nos Estados Unidos. *Publick Occurrences Both Forreign and Domestick*, o primeiro jornal publicado na continente americano, tinha uma de suas quatro páginas de publicação em branco (CARVIN, 2006). A idéia era que o leitor produzisse seu próprio fato, acontecimento, antes de repassar o suporte comunicacional a outras pessoas.

Silveira lembra a obra de Mas (2004, p.14) para ressaltar a presença de uma atividade colaborativa no final do século XIX envolvendo a produção de um dicionário. “James Murray, editor do Oxford English Dictionary (OED), solicitou publicamente ajuda para completar o dicionário. Quase 400 pessoas lhe enviaram informações sobre palavras da língua inglesa e exemplos ilustrativos de seu uso. Hoje em dia o OED segue admitindo colaboradores”.

Em outros casos, considerados mais comuns, os veículos de comunicação impressos abrem uma pequena seção denominada Carta ao leitor, espaço destinado até hoje para promover sugestões, elogios e críticas em torno de matérias e reportagens publicadas.

No rádio, a prática não é novidade. A produção começou no meio radiofônico no início da década de 30 com a rádio Kosmos, de São Paulo (ORTRIWANO, 1985, p 17), que detalhava informações de cidadãos como prestação de serviço. Há dois anos, a participação do ouvinte ganhou força exclusivamente com uma nova emissora.

A rádio Sul América Trânsito, criada no dia 12 de fevereiro de 2007, promove apenas notícias do tráfego sempre intenso dos paulistanos. Das seis da manhã às dez da noite, a programação é composta por informações e boletins ao vivo do trânsito. Das dez da noite às seis da manhã, a programação é musical, com boletins pertinentes ao horário. “Na grande parte, esses boletins são fornecidos por cidadãos, via celular. Uma rádio totalmente interativa e colaborativa. Na televisão, o conceito de Jornalismo Colaborativo era empregado pelos cinegrafistas amadores, principalmente em programas ao estilo do extinto ‘Aqui Agora’, do SBT”, garante Juca Varella.

Jornalismo Colaborativo na rede mundial de computadores

A imprecisão é a marca da definição da participação do cidadão na construção de uma informação. Apesar de sua existência há algum tempo, em rádio, revistas, jornais e televisão, não há uma definição considerada oficial. A única e grande diferença, comparado aos dias atuais, é sua amplitude e força que ganha paulatinamente, graças ao aperfeiçoamento de

ferramentas para aproximar, ainda mais, o jornalista do cidadão. Apesar da definição clara, autores acadêmicos divergem sobre a definição de alguns termos. Seria Jornalismo Colaborativo, Participativo, *Grassroots* (de base), *Open Source* (Código Aberto) ou Cidadão?

Moura (2002, p.1) cita a imparcialidade e objetividade, característica dos veículos de comunicação, para aprofundar a idéia de colaboração do cidadão. “... várias pessoas (não apenas os jornalistas) escrevam e, sem a castração da imparcialidade, dêem sua opinião, impedindo assim a proliferação de um pensamento único”.

Gillmor (2004) elucida que nomes como Jornalismo Participativo, Jornalismo Cidadão e Jornalismo *Grassroots* (gíria inglesa para público e povo) são sinônimos quanto à idéia de intercâmbios de informações entre jornalista e internauta, atributos semelhantes e ressaltados anteriormente por Bowman e Willis (2003, p. 9), que sintetizam por *Participatory Journalism* “um ato de um cidadão ou grupo de cidadãos que desempenham um papel ativo no processo de coletar, reportar, analisar e disseminar informação. A intenção dessa participação é fornecer a informação independente, confiável, exata, ampla e relevante que a democracia requer” (BOWMAN e WILLIS, 2003, p.9).

Brambilla (2006, p. 16) utiliza o termo *Open Source* para caracterizar a inserção do cidadão na construção de uma informação como “... aquele que conta com a participação ativa do internauta em interação mútua com o conteúdo noticioso”. A autora partiu de um princípio produzido por Andrew Leonard (1999), colunista da revista eletrônica Salon, considerado o pioneiro na criação da nomenclatura Jornalismo *Open Source*. Leonard referia-se a um episódio envolvendo uma repórter e colaboradores do Slashdot – armazenador de notícias publicadas na web - situação que promoveu diversos comentários acusando imprecisões em matérias, provocando até o cancelamento da matéria.

Foschini e Taddei (2006, p. 19) elaboram uma lista de diferenças e conceitos de nomes. Segundo definição dos autores, o Jornalismo Participativo ocorre “por exemplo, nas matérias publicadas por veículos de comunicação que incluem comentários dos leitores. Os comentários somam-se aos artigos, formando um conjunto novo”.

O Jornalismo Colaborativo, por sua vez, é “usado quando mais de uma pessoa contribuiu para o resultado final do que é publicado” (FOSCHINI; TADDEI, 2006, p 19).

O Jornalismo Código Aberto surgiu para “definir um estilo de jornalismo feitos em *sites wiki*, que permite a qualquer internauta alterar o conteúdo de uma página” (FOSCHINI; TADDEI, 2006, p. 19).

Por fim, o Jornalismo *Grassroots*, que se refere “à participação na produção e publicação de conteúdo na *web* das camadas periféricas, aquelas que geralmente não participam das decisões da sociedade” (FOSCHINI; TADDEI, 2006, p. 19).

Primo e Träsel (2006, p.9) empregam o termo Webjornalismo Participativo como “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na Web, onde a fronteira entre produção e leitura não pode ser claramente demarcada ou não existe”. A intenção dos autores, ao desenvolver este conceito, é enaltecer as diversas perspectivas a um determinado fato ou acontecimento. A nomenclatura Webjornalismo é uma referência a Mielniczuk (2003), que o caracteriza como publicações veiculadas na *World Wide Web*, enquanto o termo 'participativo' provém na integração do 'interagente'⁴ ao processo de produção de notícia. “Alguns sites noticiosos, inclusive, podem depender totalmente da intervenção dos internautas. Sem a participação ativa de um grupo em interação mútua, esses webjornais não têm qualquer função” (2006, p. 10).

Madureira e Saad (2009, p. 2) adotam caracterizações de Bowman e Willis, além de Bruns, para sintetizar e definir Jornalismo Participativo como “o princípio que todo cidadão é um jornalista em potencial e pode contribuir para a construção de uma notícia”.⁵ Os pesquisadores (2009, p. 10) ressaltaram a distinção produzida por Bruns (2003, p. 23) entre '*participatory journalism*' e '*citizen journalism*' para promover uma definição coerente. “O Jornalismo Participativo é mais próximo ao processo de *gatewatching*, que seleciona conteúdos relevantes a um determinado público...⁶.” A nomenclatura '*citizen journalism*', segundo Bruns (2003, p. 23), visa realmente refletir a ampliação da participação do público em determinados assuntos, que promovem mudanças na pesquisa e aproximação com os jornalistas. “O movimento é visto em jornais e sites como um novo artifício e 'auxílio' no desenvolvimento de novas formas de '*civic commons*' (espaço comum cívico), onde as

⁴ Termo designado por Primo para denominar de forma mais apropriada o interlocutor envolvido num processo de comunicação, mediada por computador. “Tanto 'receptor' e 'usuário' são termos que denotam idéias limitadas sobre o processo interativo. O termo interagente emana a idéia de interação, ou seja, a ação (ou relação) que acontece entre os participantes. Interagente, pois, é aquele que age com outro”. (PRIMO, 2003, p.133)

⁵ Versão traduzida de “*Participatory journalism adopts the principle that every citizen is a potential journalist and may contribute to the construction of news*”.

⁶ Versão traduzida de “*The participatory journalism is more deeply related, according to the author, to the process of gatewatching – or selecting – relevant content for certain audiences – and how the internet turned this process into a collective activity, formerly completely under the journalist’s responsibility.*”

soluções para eventuais problemas da sociedade são encontradas por meio de debates construtivos que são liderados por editores e jornalistas em suas páginas⁷."

Ao comparar nomenclaturas e confrontar conceitos de um mesmo fim, o termo mais próximo e adequado para denominar um processo participativo em ambientes virtuais é o Jornalismo Colaborativo⁸, caracterizado pela produção da informação realizada por cidadãos, por meio de textos, fotos e vídeos, distribuídos pela rede, sob uma plataforma centralizada informativa e dependente de seus princípios estabelecidos e descritos. Os termos de usos estabelecidos nos websites possuem diferentes formatos, sendo caracterizados por organizações centralizadas ou descentralizadas⁹. A criação de conteúdo é aberta a todos, desde que possuam competências necessárias para contribuir para uma produção considerada relevante ao formato pré-estabelecido no ambiente virtual. Essas características podem ser verificadas ou não durante o próprio processo da informação, existindo uma possível interferência de um jornalista ou editor, considerado *Gatekeeper* ou *Gatewatcher*.

A teoria do *Gatekeeping* sempre foi uma representação intocável no Jornalismo. Na Wikipedia, *Gatekeeping* "é um conceito jornalístico para edição". Wolf utiliza o signo critério para caracterizar o *Gatekeeping*. "Dezena de valores-notícia, ou critério segundo jornalistas decidem publicar determinada matéria" (2003, p. 203). Duas atribuições, duas interessantes definições e um mesmo nicho: o Jornalismo. Apesar da caracterização, correta, não houve uma imersão nas profundezas de seu conceito. *Gatekeeping*, na verdade, não é uma teoria jornalística.

⁷ Versão traduzida de "aims to more accurately reflect a wider range of public views on specific issues through changes in the research and reporting approaches of journalists. The movement sees especially newspapers and their Websites as instrumental in developing a new form of 'civic commons' where solutions to existing problems are found through constructive debates that are orchestrated and led by editors and journalists on their pages." (BRUNS, 2003, p. 23)

⁸ As nomenclaturas definidas e difundidas neste artigo para o processo de colaboração na web não sintetizam ou não explicam, de forma explícita, a construção de conteúdos jornalísticos em ambientes virtuais. Jornalismo *Grassroots* designa, por exemplo, um público específico: as camadas periféricas. Jornalismo Participativo não abrange todo o processo de colaboração e tem um princípio apenas de auxiliar; participar pressupõe compartilhar, ter parte em ou dividir algo que foi produzido e idealizado por apenas uma pessoa. Jornalismo Cidadão, por sua vez, não sintetiza a prática virtual pessoal. É uma nomenclatura complexa e sem precisão. Por último, o Jornalismo *Open Source* parte de uma premissa de alteração contínua de conteúdo, técnica visível em sites wiki.

⁹ Segundo Galloway (2004), existem diferenças entre redes distribuídas e descentralizadas. A primeira possui como característica um determinado centro, enquanto em sistemas distribuídos, os centros podem existir, mas não são obrigatórios. O Jornalismo Colaborativo possui as duas premissas devido ao seu formato na web. Hoje, há ambientes virtuais que possuem um *editor/gatekeeper/gatewatcher* que centraliza o conteúdo gerado pelo cidadão, enquanto existem outros espaços nos quais há a livre propagação de informação sem a interferência de um agente.

Barzilai-Nahon (2005) explica que a teoria do *Gatekeeping* surgiu com o psicólogo Kurt Lewin. O conceito foi apresentado pela primeira vez em um artigo publicado em 1947 que versava sobre o momento da escolha na hora de adquirir alimentos. *Gatekeeping* serviu para descrever uma mulher ou mãe como uma pessoa que decide qual comida irá colocar na mesa do jantar. Um ano depois, em 1948, Lewin explicou o comportamento em pequenos grupos.

O psicólogo notou que somente os indivíduos mais importantes do grupo deveriam receber uma atenção do pesquisador. Para analisar e identificar os membros de maior destaque, Lewin sugeriu então uma busca por chancelas, denominadas de '*gates*', que ocupam 'posições-chave' em um determinado espaço e exercem influência e controle sobre cada movimento dos integrantes do grupo.

A disseminação da teoria e suas atribuições promoveram, novamente, novas denominações. Bruns (2008, p. 4) designa '*watchdog*', um signo extremamente específico, a execução, ação e edição feita pelo jornalista para visualizar e destacar conteúdos em um veículo de comunicação. Barzilai-Nahon (2005, p. 18) utiliza um termo mais abrangente, o '*stakeholder*', podendo ser utilizado em diversos campos de trabalho: trata-se daquele indivíduo que detém a situação em suas mãos. Ambas as definições possuem suas premissas e se relacionam. Bardoel e Deuze (2001, p. 94) explicam o conceito de '*guidedog*', o cão-guia, que auxilia na hora de mostrar a melhor informação, o melhor conteúdo.

Tanto '*stakeholder*' quanto '*watchdog*' ou '*guidedog*', por exemplo, são consideradas “peneiras”, filtros para a visualização de conteúdo. Todo o material recebido passa pelas mãos destes especialistas – no caso, editores - que têm o objetivo de selecionar o que lhe convém, o que é mais interessante e que traga um possível retorno.

O conceito de *Gatewatching* é designado pela primeira vez por Axel Bruns (2003), que possui a intenção de promover uma nova discussão envolvendo teorias. Segundo o autor, a internet proporcionou a criação e denominação do que chama *Gatewatching*. Bruns (2003, p. 7) parte de um princípio de ambientes virtuais colaborativos e garante que a web é um espaço ilimitado de informação que provocará “mudanças significativas na TV, jornal e no rádio. Estes seriam superados pela limitação de espaços”.

Bruns acredita que o *gatewatcher* será um “bibliotecário”, com princípio, agora, de publicar conteúdo. O jornalista ou editor será transformado ao que ele denomina de '*librarian*', cuja função é agregar o máximo de informação e direcionar ao público o que é mais pertinente, que atenda necessidades específicas. Bruns chama isso de '*publicizing*'

(tradução literal para publicização), termo que não possui a mesma premissa que 'publish'. *Gatewatching* (2003, p. 7) nada mais que uma prática ubíqua e um ato de observar os 'portões de saída' (publicação e disseminação de conteúdos) de fontes noticiosas, identificando e organizando a partir de novas informações relacionadas, com a premissa de apontar e destacar o material mais importante e relevante para ser visualizado.

Tabela 1: Denominações utilizadas na web para a prática colaborativa jornalística

Ambientes virtuais destinados ao Jornalismo Colaborativo	Denominações usadas pelos ambientes Nome original / Em português
All Voices (Estados Unidos)	<i>Open media news-site</i> / Site aberto de notícias
Associated Content (Estados Unidos)	<i>Open Content Network</i> / Rede de Conteúdo Aberta
El Navegable (Chile)	<i>Diario Ciudadano</i> / Diário Cidadão
iReport (Estados Unidos – CNN)	<i>User-generated site</i> / Site gerado pelo usuário
KuroShin (Estados Unidos)	<i>Colaborative Site</i> / Site Colaborativo
Minha Notícia (iG – Brasil)	Jornalismo Colaborativo
MyNews (Índia)	<i>Citizen Journalism</i> / Jornalismo Cidadão
OhmyNews (Coréia do Sul)	<i>Citizen Journalism</i> / Jornalismo Cidadão
Yo, Periodista (El País – Espanha)	<i>Periodismo Ciudadano</i> / Jornalismo Cidadão
Ultimas Noticias (Equador)	<i>Diario Ciudadano</i> / Diário Cidadão
VC no G1 (Globo – Brasil)	Jornalismo Cidadão
VC Repórter (Terra – Brasil)	Jornalismo Cidadão
Wikinews Brasil (Brasil)	Projeto de notícias livre

A construção do cidadão-repórter

A exemplo da discussão para a denominação da colaboração de um indivíduo na prática informacional, há divergências em relação a uma caracterização padrão de um nome para o cidadão que produz conteúdos em ambientes virtuais destinados ao Jornalismo Colaborativo. A única diferença é a ausência ou falta de um maior destaque aos termos em produções acadêmicas.

Moretzohn (2005) cita a presença de um “jornalista-cidadão”, discurso produzido pelo ator e diretor Sean Penn em um debate sobre 'Jornalismo Cidadão' na *Current TV*¹⁰ (2005), canal de vídeos associado ao site Yahoo. Malini (2008, p. 14) utiliza o mesmo termo, definindo-o como “usuário registrado, que participa da construção do ambiente, através de

¹⁰ Vídeo em destaque: www.current.tv/make/training?section=journalism. Data do acesso: 16/04/2009.

upload de notícias e comentários próprios [...]”. Situação semelhante ressaltada por Bruns (2005, p.15), quando se refere ao OhmyNews, como “[...] um ambiente que conseguiu atrair dezenas de jornalistas-cidadãos de vocações diferentes [...]”¹¹.

Adghirni (2002, p. 51) define o jornalista dos meios *online* como produtor de conteúdo, atribuição feita, por exemplo, aos cidadãos que produzem no ambiente colaborativo Associated Content, dos Estados Unidos. “Assim como a Internet aboliu as fronteiras do tempo e do espaço, o novo mercado de produção de notícias quer abolir a figura do jornalista. Ele se chama agora 'operador de Internet' ou 'produtor de Internet' ou 'produtor de conteúdos’”.

Por fim, cidadão-repórter, termo que possui o valor mais próximo do que obtém como resultado em um ambiente colaborativo: a informação. A criação de um conteúdo exige compromisso e muita responsabilidade. Reportagem expõe uma situação e interpreta fatos. Possui um caráter de imparcialidade bem maior que produtor de conteúdo, característica digna de referência, mas que possui um espírito de primeira pessoa.

Brambilla (2005, p. 8) lembra o discurso de Oh Yeon Ho, fundador e editor-chefe do site OhmyNews, para enaltecer e demonstrar a importância da definição de cidadão-repórter. “[...] há uma distância extrema entre a imagem negativa dos jornalistas de veículos tradicionais e o envolvimento comunitário traduzido pela menção à cidadania. Para o jornalista, o cidadão-repórter tem um perfil proativo; não basta que esteja ciente dos problemas da sociedade, mas deve tentar resolvê-los”.

¹¹ Versão traduzida de “*Founded by professional journalist Oh Yeon-ho in 2000 in response to what he perceived as the strongly conservative bias of mainstream Korean news media, OhmyNews has today managed to attract tens of thousands of citizen-journalist contributors from all walks of life*”.

Tabela 2: Denominações utilizadas na web envolvendo a participação do cidadão

Ambientes virtuais destinados ao Jornalismo Colaborativo	Denominações usadas pelos ambientes Nome original / Em português
All Voices (Estados Unidos)	<i>Contributor</i> / Contribuidor
Associated Content (Estados Unidos)	<i>Content Producer</i> / Produtor de conteúdo
El Naveghable (Chile)	<i>Corresponsal</i> / Correspondente
iReport (Estados Unidos – CNN)	<i>iReporters</i>
Kuro5hin (Estados Unidos)	<i>Readers / Users</i> / Leitores / Usuários
Minha Notícia (iG – Brasil)	Colaborador
MyNews (Índia)	<i>Citizen Journalist</i> / Jornalista Cidadão
OhmyNews (Coréia do Sul)	<i>Citizen Reporter</i> / Cidadão-repórter
Yo, Periodista (El País – Espanha)	<i>Periodista</i> / Jornalista
Ultimas Noticias (Equador)	<i>Vecino Reportero</i> / Repórter-vizinho
VC no G1 (Globo – Brasil)	Jornalista Cidadão
VC Repórter (Terra – Brasil)	Colaborador
Wikinews Brasil (Brasil)	Voluntário

Considerações finais

A participação do cidadão na construção de uma informação em ambientes virtuais não é um fenômeno recente. Pelo menos há dez anos esta prática já é destacada, seja pela criação de espaços destinados aos antigos leitores, seja pela inserção de um canal nos meios noticiosos *online*. Apesar do início de sua “pré-adolescência”, ambientes colaborativos de informação ainda não desenvolveram características que permitam um melhor entendimento a um cidadão comum, como é descrito na tabela desenvolvida a respeito das nomenclaturas utilizadas em cada ambiente. São diversos formatos e propostas difundidas na web que provocam questionamentos do indivíduo que pretende produzir e compartilhar informações.

São por essas e outras dúvidas que existe a necessidade de um estudo profundo da situação, já que é intensa a busca incessante dos meios *online* para criar, popularizar e manter um espaço participativo do cidadão. Tudo com a premissa do antigo leitor, consumidor de informação, não se sentir sozinho durante uma visita a um espaço virtual. E é neste sentido que o termo Colaborar ingressa como a chave consensual de entendimento. Colaborar transcende participar: pressupõe contribuir, ajudar, produzir em parceria, em alto grau de interatividade, atributos descritos em uma construção de informação feita por um cidadão na web.

O mesmo acontece com cidadão-repórter. O termo é preciso e não necessita de explicações, já que seu significado está explícito. As nomenclaturas cidadão e repórter são específicas e, na construção de uma única palavra-chave, torna-se objetiva e clara. Para a construção de conteúdos não-jornalísticos, por exemplo, o termo mais pertinente para ser utilizado é produtor de conteúdo, que abrange toda e qualquer característica feita para visualizar a publicação de um texto, vídeo ou áudio.

A análise destes importantes termos para o futuro da comunicação permite esclarecer e enfatiza a necessidade de desenvolver, promover discussões e reunir termos mais próximos ao que é exercido para estabelecer o que é interessante e o que pode ser descartado para chegar a um consenso em um mundo que, cada vez mais, aparece termos específicos. Tudo com um simples objetivo: iniciar um novo debate em torno desta temática que ainda inquietam cidadãos e profissionais dos ambientes jornalísticos *online*.

REFERÊNCIAS

- BARDOEL, Jo, and DEUZE, Mark.. *Network Journalism: Converging Competencies of Old and New Media Professionals.* Australian Journalism Review, vol. 23, no. 3, 2001.
- BARZILAI-NAHON, Karine , NEUMANN, Seev. *Gatekeeping in networks: a metatheoretical framework for exploring information control*, 2005.
- BAUWENS, Michel. *The Political Economy of Peer Production*, 2005. Disponível em: <<http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=499>>. Acessado em 15 fev. 2009.
- BENKLER, Yochai. *Coase's penguin, or Linux and the nature of the firm*, 2002. Disponível em: <<http://www.yale.edu/yalelj/112/BenklerWEB.pdf>>. Acessado em 18 fev. 2009.
- BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. *Nosotros, el medio. The Media Center*, 2003. Disponível em: <<http://www.hypergene.net/wemedia/espanol.php>>. Acessado em 23 fev. 2009.
- BRUNS, Axel. *News Blogs and Citizen Journalism: New Directions for e-Journalism*. Queensland University of Technology, 2005. Disponível em <<http://snurb.info/files/News%20Blogs%20and%20Citizen%20Journalism.pdf>>. Acessado em 15 fev. 2009.
- BRAMBILLA, Ana Maria. *A identidade profissional no jornalismo open source*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/114/72>>. Acessado em 10 fev. 2009.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhMynews International**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

CARVIN, Andy. **A Colonial Experiment in Citizen Journalism**, 2006. Disponível em http://www.andycarvin.com/archives/2006/10/a_colonial_experimen.html. Acessado em 27 fev. 2009.

DGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo on-line em busca do tempo real**. In: HOHLFELDT, Antônio; BARBOSA, Marialva. **Jornalismo no século XXI: a cidadania**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

EL PAIS. **Seção colaborativa Yo Periodista**, 2007. Disponível em <<http://www.elpais.com/yoperiodista/>>. Acesso em 18 fev. 2009.

EL NAVEGHABLE. **Seção colaborativa do Chile**, 2007. Disponível em <<http://www.elnaveghable.cl/admin/render/portada/>>. Acesso em 19 fev. 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 2004. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FOSCHINI, Ana Carmem; TADDEI, Roberto Romano. **Jornalismo Cidadão: você faz a notícia – Série Conquiste a rede – São Paulo**, 2006.

GLOBO. **Seção colaborativa no portal de notícias G1**, 2007. Disponível em <<http://vcnog1.g1.globo.com/VCnoG1/0,,8491,00.html>>. Acessado em 18 fev. 2009.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

INTERNET GROUP DO BRASIL. **Minha Notícia - Seção colaborativa Eu na Web**, 2007. Disponível em <<http://eunaweb.ig.com.br/>>. Acessado em 20 fev. 2009

KURO5HIN. **Site voltado ao conteúdo gerado pelo usuário**, 2000. Disponível em: <<http://www.kuro5hin.org/>>. Acessado em 22 fev. 2009.

MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo**. Disponível em <<http://fabiomalini.files.wordpress.com/2008/07/artigo-intercom-natal-malini1.doc>>. Acessado em 24 fev. 2009.

MADUREIRA, Francisco; SAAD, Beth. **Citizen journalist or source of information: an exploratory study about the public's role in participatory journalism within leading Brazilian web portals**, 2009. Disponível em <<http://online.journalism.utexas.edu/2009/papers/SaadMadureira09.pdf>>. Acessado em 09 maio 2009.

MAS, Jordi. **Software livre em el sector público**, 2004. Disponível em: <<http://www.uoc.edu/dt/20327/index.html>>. Acessado em 27 fev. 2009.

MORETZSOHN, Sylvia. **O mito libertário do “jornalismo cidadão**, 2006. Disponível em <http://ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/article/viewPDFInterstitial/4749/4463>. Acessado em 24 fev. 2009.

MOURA, Catarina. **Jornalismo na era Slashdot**. Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=mouracatarina-jornalismo-slashdot.html>. Acessado em 26 fev. 2009.

OHMYNEWS. **Site voltado ao Jornalismo Colaborativo**, 2000. Disponível em <<http://english.ohmynews.com>>. Acessado em 20 fev. 2009.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 3.ed. São Paulo: Summus, 1985.

PRIMO, Alex. **Quão interativo é o hipertexto?** Da interface potencial à escrita coletiva. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a escrita coletiva de notícias**. *Contracampo*, Niterói, v.14, 1º semestre/2006.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Software livre**: a luta pela liberdade do conhecimento, São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SMITH, Adam. **Riqueza das nações**, São Paulo. Editora Momento Atual, 2003.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A. D. **Wikinomics**: Como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TERRA NETWORKS. **VC Repórter – Seção voltada ao Jornalismo Colaborativo**. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/vcreporter>>. Acessado em 25 fev. 2009.

WIKINEWS. **Site voltado ao conteúdo gerado pelo usuário**, 2005. Disponível em <http://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acessado em 22 fev. 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.